

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 17 de janeiro de 2022 às 08h07
Seleção de Notícias

Terra - Notícias | BR

Pirataria

Google e outras big techs estão roubando patentes, acusam especialistas 3

Estado de Minas - Online | MG

Propriedade Intelectual

Robótica e a falta de competitividade brasileira 5
OPINIÃO

Google e outras big techs estão roubando patentes, acusam especialistas

As grandes empresas de tecnologia, como Google e Apple, têm tanto dinheiro guardado que elas preferem roubar **patentes** de companhias menores do que pagar as licenças ou desenvolver inovações próprias. É o que falam especialistas em leis de **propriedade** intelectual, como o professor de direito Adam Mossoff, da Universidade George Mason. Para ele, as big techs estariam "ameaçando a economia de inovação dos EUA e sua competitividade econômica internacional".

Google Foto: Pawel Czerwinski/Unsplash / Tecnoblog

Em um artigo publicado no TechCrunch, Mossoff citou um caso recente envolvendo o Google e a empresa de áudio Sonos. Em 6 de janeiro, o gigante das buscas perdeu uma disputa na Justiça, após roubar pelo menos cinco patentes da Sonos. Como resultado, a Comissão de Comércio Internacional dos EUA proibiu o Google de importar alto-falantes com Assistente nos Estados Unidos.

Segundo Mossoff, o Google escolheu, de maneira proposital, roubar as **patentes** da Sonos. Isso porque, caso fosse processada, a empresa ainda iria lucrar mais do que se comprasse ou licenciasse as tecnologias de forma oficial. Para Google, Apple, Samsung e outras big techs, os custos com possíveis ações judiciais não fazem a menor diferença em seus orçamentos anuais.

Só o Google, por exemplo, tem US\$ 142 bilhões (cerca de R\$ 786 bilhões) guardados para usar nesses casos. Com esse dinheiro todo, a empresa pode fazer o que bem entender sem nem se preocupar com riscos ou consequências. O problema é que isso não é nada saudável para o mercado e prejudica o crescimento de companhias menores.

Mossoff ainda explicou que, em certas situações, al-

gumas empresas nem sequer buscam processar as big techs quando têm suas patentes roubadas, porque sabem que podem sair com mais prejuízos do que lucros, no final. O caso da Sonos foi um ponto fora da curva que ajudou a mostrar como o Google pode ser abusivo com outras companhias menores.

Roubo de patentes é **pirataria**, segundo Mossoff

Na visão de Mossoff, as big techs atacam o sistema de **patentes** dos EUA de propósito para dificultar a vida de inovadores e impedir a entrada no mercado de "trolls de **patentes**". Esse termo foi criado pelas próprias grandes empresas para se referir a organizações que registram propriedades intelectuais, mas não fabricam produtos.

Para o especialista em leis de **propriedade** intelectual, uma solução para o problema seria promulgar o STRONGER Patents Act, uma versão mais forte e bipartidária da Lei de **Patentes**, sugerida em 2019 pelo Congresso dos EUA. Em resumo, essa lei reformularia as regras criadas com a influência das big techs, equilibrando o sistema novamente.

Outros especialistas pensam como Mossoff

No ano passado, outros especialistas além de Mossoff identificaram problemas no comportamento das big techs. Em um artigo também publicado no TechCrunch, o presidente do Institute for Liberty, Andrew Langer, apontou que os roubos de patentes aumentaram nos últimos anos. Em simultâneo, a quantidade de empresas menores que passaram a exigir seus direitos também cresceu.

Langer falou que, se as big techs continuarem a piratear patentes de forma proposital, elas vão sofrer danos irreparáveis não só econômicos, como também na reputação. Além de ter que pagar as multas que estão cada vez maiores e chegando a US\$ 1 bi-

Continuação: Google e outras big techs estão roubando patentes, acusam especialistas

lhão ? as empresas ficam manchadas no mercado e afastam possíveis acionistas.

Professora da Escola de Direito da Universidade de Richmond, nos EUA, Kristen Osenga compartilha da mesma opinião que Langer. Em sua coluna no Richmond Times-Dispatch, ela comentou que cada vez mais empresas pequenas estão se posicionando e processando as big techs. Isso acontece porque, nas audiências dos processos, os argumentos das grandes companhias se repetem e são facilmente refutados por não apresentarem provas concretas.

Segundo Osenga, é comum ver big techs jogando a culpa no sistema e alegando que as leis de proteção às **patentes** são muito rigorosas. Em muitos casos, as grandes empresas até se colocam como vítimas na

história, falando que os verdadeiros vilões são os donos das propriedades intelectuais por cobrarem taxas de licenciamento muito altas.

Como os juízes começaram a entender as táticas das big techs, esses discursos não têm mais tanta força. No entanto, Osenga ainda defende ser necessário fortalecer as leis de **patentes** e garantir mais segurança aos donos das propriedades intelectuais. Sem isso, "o incentivo para inovar em primeiro lugar evaporaria", afirmou a professora.

Com informações: TechCrunch, TechCrunch, Business Insider, Richmond Times-Dispatch.

Murilo Tunholi

Robótica e a falta de competitividade brasileira

OPINIÃO

Denis Pineda

Gerente regional da Universal Robots na América do Sul

Todos sabem o quanto a pandemia afetou o dia a dia dos empresários de todos os setores, e, muito mais do que isso, foi possível observar que aqueles que conseguiram se manter funcionando precisaram recorrer ao avanço da tecnologia e implementar novas soluções. A pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI) encomendada ao Instituto FSB Pesquisa revelou que os que adotaram a indústria 4.0 lucraram mais, conseguiram manter ou até ampliar o quadro de funcionários e tiveram melhores perspectivas em 2021.

Mesmo assim, no setor industrial, observamos uma grande dificuldade devido à falta de matéria-prima e ao aumento de preços dos itens necessários para produção. De acordo com estudo da Confederação Nacional da Indústria (CNI), 68% das empresas enfrentaram problemas para comprar produtos no mercado nacional. Entre as que utilizam insumos importados regularmente, 56% relataram dificuldade. Com isso, foi possível observar que a confiança da indústria recuou muito, principalmente com a piora da situação atual e na expectativa das empresas em relação aos próximos meses.

De qualquer forma, podemos dizer que a compra de robôs industriais cresceu significativamente. Segundo o relatório "The World Robotics 2021 Industrial Robot Report", foi registrado um recorde de 3 milhões deles operando em fábricas em todo o mundo, o que significa um aumento de 10%. As vendas cresceram ligeiramente, 0,5%, apesar da pandemia,

com um total de 384 mil unidades enviadas em todo o mundo em 2020, onde quase 44% foram entregues para a China. Esse é o terceiro ano mais favorável da história do setor da robótica, após 2018 e 2017.

As instalações de robôs nos mercados da América do Sul ainda estão em um nível muito baixo. O Brasil foi um dos países mais afetados, mas esse problema já perdura por mais tempo do que imaginamos. A falta de competitividade da indústria brasileira é um problema real e reflete diretamente nos produtos relevantes para o comércio internacional, que normalmente são commodities. Poucos são aqueles que fazem parte de uma lista de utensílios melhor desenvolvidos tecnologicamente.

Segundo o ranking publicado anualmente pela Organização Mundial de **Propriedade** Intelectual (OMPI), em parceria com a Universidade de Cornell e o Instituto Europeu de Administração de Empresas (Insead), o Brasil ficou em 62º lugar em um ranking de 131 países no Índice Geral de Inovação. Essa posição demonstra o grande atraso em desenvolver tecnologia para que a indústria nacional dependa menos da proteção do mercado interno.

Dos sete fatores divulgados pela pesquisa que mostram a origem da baixa competitividade, cinco estão relacionados à questão da formação de mão de obra qualificada. Isso comprova o quanto o Brasil ainda precisa explorar a inserção de soluções que ajudam no dia a dia dos colaboradores nesses ambientes de trabalho, otimizando processos e os realocando para funções mais estratégicas, como são os casos dos robôs colaborativos, por exemplo.

Posso afirmar ainda que ferramentas digitais como

Continuação: Robótica e a falta de competitividade brasileira

essa serão cada vez mais vistas, em todos os lugares e em todos os tipos de indústria. O relatório "O futuro do emprego" já aponta que, até 2025, serão criados 10 milhões de novos postos de trabalho no mundo todo em razão da divisão entre humanos e máquinas. Aqueles que não se desenvolverem e não buscarem

inovações que vão ao encontro de como o mercado está hoje ficarão para trás. É imprescindível que o Brasil corra atrás do prejuízo e comece agora uma revolução. Que tal você fazer parte disso?

Índice remissivo de assuntos

Propriedade Intelectual
3, 5

Pirataria
3

Patentes
3